



HESÍODO E O ALFABETO GREGO NO PROCESSO DE POLITIZAÇÃO DA PALAVRA NA FORMAÇÃO DA POLIS¹

Renan Falcheti Peixoto²

Resumo

O processo de politização da palavra concerne à realocação do uso da palavra nos mecanismos de pensamento e de seu uso nas formas de sociabilidade dos gregos antigos. Esta mudança foi possível por dois fenômenos correlacionados do Período Arcaico: a invenção do alfabeto e a formação da *polis*. O bardo beócio Hesíodo em sua obra *Os trabalhos e os dias* se situa nessa importante virada cultural.

Palavras-Chave: Grécia arcaica. Hesíodo. *Polis*.

O alfabeto grego

A Grécia toma no Alto Arcaísmo, especificamente no século VIII a.C. os rumos e estabelecerá os fundamentos sem os quais a cultura clássica seria impensável. Os alvares desse tempo recém-emergido do Período Geométrico assinalam-se impactantes alterações da experiência existencial, diferentes planos de um panorama ligado não somente à reestruturação da situação interna, mas também à ampliação dos horizontes externos, na renovação dos contatos culturais com o Oriente registrada no aumento substancial de peças orientais importadas durante o século VIII a.C.

Um dos legados mais significativos dos contatos renovados com o Oriente foi a criação do alfabeto grego na segunda metade do século VIII a.C., a qual os grafites

¹ O presente artigo é uma versão abreviada do quarto capítulo de um trabalho de conclusão de curso realizado no final de 2012, sob orientação do Prof. Dr. Pedro Geraldo Tosi, na UNESP de Franca. Agradeço a Luiz Otávio de Figueiredo Mantovaneli, doutorando em Filosofia pela UFRJ, por suas argutas considerações feitas ao longo do trabalho.

² Graduando em História pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. E-mail: renanfp_1990@hotmail.com.

alfabéticos em algumas cerâmicas do Geométrico Tardio não mais antigas que 750 a.C. determinam o *terminus ante quem*³ dessa invenção.

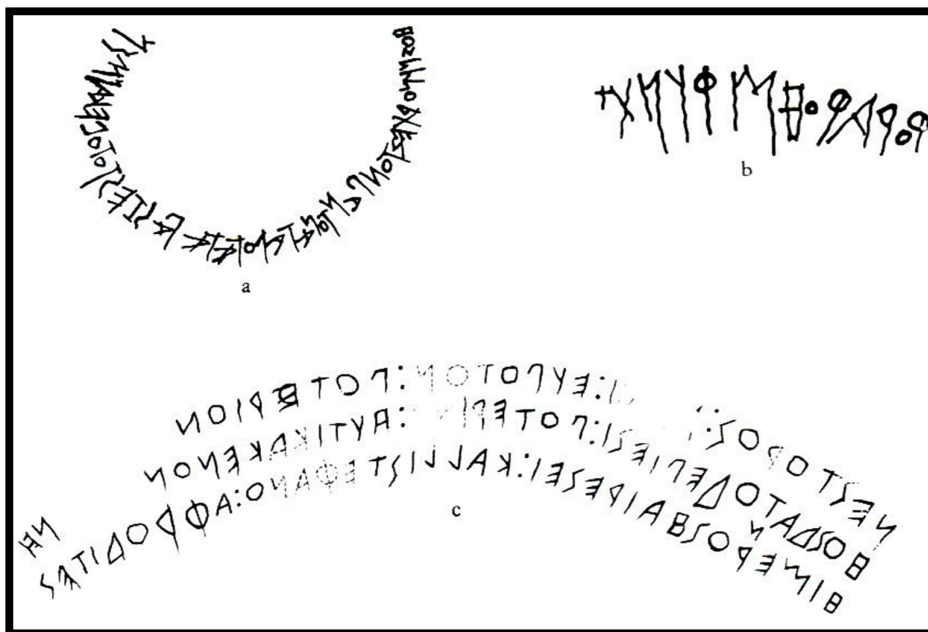
O alfabeto grego é uma elaboração da escrita fenícia, adotada pelos gregos, que dissolveram a sílaba em dois componentes acústicos: as vogais e as consoantes, atomização que possibilitou um sistema linguístico muito mais flexível e memorizável. Esse mecanismo gráfico dos gregos incita a análise abstrata do objeto material por meio de uma entidade mental, uma vez que os signos linguísticos escritos são elaborados em sentido funcional, onde seus componentes são destituídos de um sentido independente único para se tornarem códigos maleáveis de acordo com o dispositivo mecânico de memória:

A eficiência acústica da escrita teve um resultado que foi psicológico: uma vez aprendida, não se tem que pensar nela. Embora ela seja uma coisa visível, uma série de marcas, ela cessa de interpor-se, como um objeto de pensamento, entre o leitor e sua recordação da língua falada. Desse modo, a escrita veio a assemelhar-se a uma corrente elétrica ligando uma recordação de sons da palavra falada diretamente ao cérebro, de modo que o sentido parece ressoar na consciência sem referir-se às propriedades das letras usadas. A escrita foi reduzida a um truque; não tinha valor intrínseco em si mesma como escrita, e isto distinguiu-a de todos os sistemas anteriores. Veio a ser um traço característico do alfabeto o fato de que os nomes das letras gregas, emprestados do fenício, pela primeira vez se tornaram sem sentido: *alfa, beta, gama* etc. são apenas uma cantinela destinada a gravar os sons mecânicos das letras, usando o chamado princípio acrofônico, numa série fixa no cérebro da criança, ao tempo em que as correlaciona estreitamente com a visão de uma série de formas que o menino olha enquanto pronuncia os valores acústicos. Esses nomes, no semítico original, eram nomes de objetos comuns, como 'casa', 'camelo' etc.⁴

Graffiti gregos inscritos em cerâmicas do século VIII a.C.

³ Expressão latina literalmente "o limite antes do qual", indica um limite cronológico pelo qual se infere algum acontecimento, a escritura de um documento ou o depósito de um artefato arqueológico. No caso da invenção da escrita, não pode ser esquecido a possibilidade que estes *graffiti* tenham sido marcados em um tempo muito posterior ao da fabricação da cerâmica.

⁴ HAVELOCK, Eric A. A revolução da escrita na Grécia: e suas conseqüências culturais. São Paulo: Ed. Unesp; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 82-83.



Fonte: John N. Coldstream⁵.

A imagem “a” da figura acima é uma inscrição gravada em uma enócoa⁶ encontrada em Atenas, em cuja parte legível foi identificada como um hexâmetro metrificado em estilo homérico em que se lê: “àquele que dentre todos os dançarinos dançar com mais graça”. A imagem “b” refere-se a uma inscrição rodiana em um *skyphos*⁷ e a imagem “c” a um *graffiti* de uma taça eubóica encontrada na ilha de Ísquia, próxima de Nápoles, e seus versos são também metrificados, onde se lê no primeiro verso jâmbico: “De Nestor sou a taça de bom beber”; e nos dois versos hexâmetros seguintes: “Quem quer que beba desta taça imediatamente o”, “arrebatará o desejo de Afrodite, a de bela coroa”⁸.

O que estes primeiros escritos nos mostram é uma sociedade de comunicação oral cuja composição é de versos métricos e que concebe nos conteúdos do que é grafado aquilo que é destinado a ser lido em voz alta para um público não letrado. Usando uma expressão de Eric Havelock⁹, todo o repertório poético é paradoxalmente uma “documentação oral”, pois é um acervo funcional em vista dos valores culturais e sociais de determinada sociedade que precisam ser armazenados e transmitidos por uma técnica que não seja o simples enunciado coloquial. A poesia

⁵ COLDSTREAM, John N. *Geometric Greece: 900-700 B.C.* 2. ed. New York: Routledge, 2003, p.298.

⁶ Jarro de vinho com lábio em formato de trevo.

⁷ Um vaso para beber com duas alças horizontais e dos lábios pronunciados.

⁸ HAVELOCK, op. cit., p. 197-201.

⁹ *Ibid.*, p. 110.

épica preenche essa função e Hesíodo é um receptáculo dessa tradição poética e desse tipo de experiência com a palavra:

Nascida antes que o veneno do alfabeto entorpecesse a Memória, a poesia de Hesíodo é também anterior à elaboração da prosa em seus vários registros e à diversificação da experiência poética em seus característicos gêneros. O aedo canta sem que ao exercício de seu canto se contraponha outra modalidade artística do uso da palavra. Seus versos hexâmetros nascem num fluxo contínuo, como a única forma própria para a palavra mostrar-se em toda a sua plenitude e força ontofônicas, como a mais alta revelação da vida, dos Deuses, do mundo e dos seres. De nenhum outro modo a palavra libera toda a sua força, nenhuma outra forma poética se põe como alternativa à em quem o canto se configura.¹⁰

Hesíodo foi um aedo, bardo, ou, ainda, poeta-cantor que viveu na aldeia de Ascra na Beócia por volta de 700 a.C. e em cujo nome se atribui duas obras essenciais do pensamento grego arcaico: *Teogonia* e *Os trabalhos e os dias*. Desta, os primeiros 382 versos compõem um conjunto de conhecimentos fundamentados na sequência das narrativas míticas apresentadas, que são: o mito das duas Lutas, o mito de Prometeu e Pandora, o mito das cinco raças e a fábula do gavião e do rouxinol.

O poeta tem objetivos bem claros e estes visam direcionar ao seu irmão, Perses, e aos homens que fazem arbitragem de litígios nos centros urbanos (*basileis*) conselhos e acusações elaboradas sob a égide da justiça perfeita e absoluta de Zeus. O poeta sofre injustiças relativas ao patrimônio de seu falecido pai (um refugiado da Ásia Menor), que foi dividido entre seus filhos. Não obstante a primeira divisão, Perses, aliciando os árbitros da justiça com subornos, pretende abocanhar uma parcela maior à custa das terras de seu próprio irmão, Hesíodo.

O nome Hesíodo entre os gregos antigos atingiu fama comparável ao do de Homero. Ambos constituíram um repertório de imagens e noções do pensamento mítico que é reconhecido e refletido pelos autores clássicos.

Homero¹¹ é a nossa referência escrita mais antiga que nós temos hoje, com exceção das tabuinhas de escrita em Linear B encontradas em Cnossos e Pilos, que oferecem informações fragmentadas da administração burocrática dos antigos

¹⁰TORRANO, Jaa. O mundo como função de musas. In: _____. *Teogonia: a origem dos deuses*. 7. Ed. São Paulo: Iluminuras, 2007, p. 17.

¹¹Muitos debates giram em torno de se existe Homero como autor único destes dois épicos, ou se, na realidade, "vários Homeros", rapsodos de áreas e períodos diferentes debruçados sobre um vasto tesouro de frases e fórmulas, mitos e lendas da herança oral compartilhada, compuseram o que figura no pensamento contemporâneo como obra de um único gênio. No entanto, uma vez que nosso objetivo não é se aprofundar nas questões relativas às diferentes datações dos épicos e dissecação filológica das diversas camadas dos poemas em vista de reconhecimento da multiplicidade de níveis dentro deles, importa, em suma, reconhecer que ambos os épicos apresentam um plano de fundo similar onde os valores heroicos se desenvolvem. Portanto, optamos por nos referirmos a Homero como recurso para criarmos o contraste com os valores e o lirismo de Hesíodo.

sistemas micênicos: inventário e cálculos, bem como de registros de propriedades de vasos.

Os épicos homéricos, apesar de sua presença textual hoje, foram compostos e transmitidos por mecanismos mnemônicos e orais. Portanto o estranhamento contemporâneo, aparente paradoxo de o primeiro autor de que temos notícias da literatura ocidental ter vivido em um ambiente sem o domínio da técnica da escrita.

Mais de 16000 versos integram *Iliada*, poema sobre a ira de Aquiles e a luta dos aqueus reunidos contra Tróia no décimo ano da Guerra de Tróia. *Odisséia* é o segundo grande poema épico e conta as aventuras de Odisseu em retorno à ilha de Ítaca após a queda de Tróia perante a invasão do exército aqueu, onde os pretendentes a sua posição de comando da ilha jazem em seu próprio palácio despendendo sua riqueza e cobiçando sua esposa Penélope.

Os heroicos épicos retratam uma sociedade idealizada de um ponto de vista aristocrático, de gerações passadas no tempo de uma era em que a riqueza e as habilidades eram manifestação da alta classe social. Os valores modelares paradigmáticos homéricos são dos heróis, que pertenciam a um grupo bem definido de nobres que conquistavam sua virtude na coragem da ação no campo de batalha. Um herói épico sempre procura honra e glória conquistada pela demonstração de força, valentia e bravura que excedem as normas usuais.

Temos pouquíssimas informações sobre Homero, a não ser que viveu em algum lugar da Jônia, na costa oeste do que atualmente conhecemos como a Turquia. Seu nome permanece um nome impreciso desprovido de detalhes autobiográficos, “[...] um título mais que um nome pessoal.”¹². Diferentemente, sobre Hesíodo temos material suficiente de suas obras para espargir as brumas do anonimato. Com ele, “A história da Grécia antiga não é mais anônima.”¹³.

Bem como Homero, Hesíodo faz uso do dialeto jônico e compõe em hexâmetro, medida métrica de composição de versos. Ambos são aedos que transmitem em um período essencialmente não letrado um discurso poetizado da memória cultural de um povo, afinal, “Toda a visão de mundo e consciência de sua própria história (sagrada e/ou exemplar) é, para este grupo social, conservada pelo canto do poeta.”

¹⁴.

¹²THOMAS, Carol G.; CONANT, Craig. Citadel to city-state: the transformation of Greece, 1200-700 B.C.E. Bloomington: Indiana University Press, 1999, p. 149, tradução nossa.

¹³Ibid., loc. cit.

¹⁴TORRANO, op. cit., p. 16.

O canto de Hesíodo em *Os trabalhos e os dias* é um hino inspirado pelas Musas Piérias, um dom insuflado por elas para que o poeta revele verdades aos homens reunidos em auditórios para celebrar Zeus, afinal, “Por ele mortais igualmente desafamados e afamados, / notos e ignotos são, por graça do grande Zeus.”¹⁵.

Dessa celebração pública, Hesíodo nos fornece um exemplo quando alude à sua viagem para Cálcis, Eubeia, para os jogos funerais de um príncipe morto em batalha, viagem ao qual lhe rendeu um caldeirão tripode como prêmio na disputa de canto:

De lá, almejando os jogos do valente Anfidamante,
para Cálcis embarquei. Prêmios numerosos
foram anunciados pelos filhos do magnânime. E asseguro-te,
que com um hino aí vencendo, parti com a tripode alada
à qual às [sagradas] Musas no Hélicon dediquei,
lá, onde a mim, pela primeira vez, inspiraram-me o canto suave.¹⁶

No entanto, Hesíodo está em um momento de transição decisiva do arcaísmo grego que a invenção do alfabeto cria. Embora sua tradição, transmissão e modos de composição sejam indubitavelmente orais, a técnica da escrita e suas realocações das disposições psicológicas do uso do signo linguístico escrito começam a alterar as formas desses homens pós-alfabetizados em conceber o uso da palavra. Se Hesíodo se coloca anterior a esse processo no decorrer dos séculos VIII e VII a.C. que desembocará revolucionariamente em novas referências da existência dos homens desse período, mesmo assim prenuncia muitos deles, como procuraremos abordar daqui por diante.

Um deles é o processo da laicização da palavra, isto é, da transição de uma consciência religiosa onde a palavra era prerrogativa de um saber inspirado em poucos homens, distintos pela graça da Memória em pronunciar a Verdade (o poeta, o vidente e o rei micênico – os “mestres da Verdade”¹⁷), para um modo de pensamento em que a palavra se torna “Instrumento de diálogo, este tipo de palavra [que] não mais obtém sua eficácia através do jogo de forças religiosas que transcendem os homens”.¹⁸.

Essa viragem se opera notadamente na invenção do alfabeto. A simplicidade da língua escrita grega ensejou não apenas sua democratização, com a possibilidade de um vasto número de gregos se tornarem literatos, como a dissociação simbólico-

¹⁵HESÍODO. *Os trabalhos e os dias: primeira parte. Introdução, tradução e comentários de Mary C. N. Lafer*. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 1996, p. 21.

¹⁶HESÍODO. *Os trabalhos e os dias. Tradução, estudo e notas de Luiz O. Mantovaneli*. São Paulo: Odyseus, 2011, p. 101.

¹⁷Cf. DETIENNE, Marcel. *Os mestres da verdade na Grécia arcaica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

¹⁸Ibid., p. 51.

religiosa da palavra, que com o advento da cidade, será elevada à função política. Essa associação pode ser vista em Dreros, cidade localizada na ilha de Creta, onde parte de uma inscrição de um código legal gravado em pedra foi encontrado. É o nosso mais antigo exemplo do alfabeto grego sendo usado como fixação legal e, portanto, "Para administração de uma *polis* para além da comunicação da palavra da boca e ouvidos."¹⁹.

Nas palavras de Austin e Vidal-Naquet:

O mais antigo documento referente à existência de fórmulas de decisão colectiva – 'Assim decidiu a *polis*' – e de uma instituição tão tipicamente cívica como a interdição da interação (antes de um prazo de dez anos) de uma magistratura é uma inscrição cretense de Dreros, datada da segunda metade do século VII, mais ou menos contemporânea de Dracon de Atenas. Não é duvidoso que, nesse momento, a *polis*, enquanto singular colectivo ou plural (os atenienses, os espartanos), em suma, enquanto sociedade organizada, já existisse há longo tempo; mas, uma vez mais, vêmo-nos obrigados a predizer o passado em função do futuro.²⁰

Em primeiro plano, este exemplo reflete uma unidade psicológica expressa entre os gregos ao fazerem o uso da palavra *polis* como união moral da comunidade. Este escrito parcial oferece nosso primeiro testemunho explícito de uma decisão tomada em consenso conjunto do grupo restrito dos governantes dessa localidade, de uma *polis* concretizada que redigiu suas leis, assegurando fixidez e permanência de regras dessa comunidade política. Esta é a noção fundamental aqui perseguida de *polis* como "[...] 'a integração moral de uma coletividade de homens livres conclamados a integrar uma comunidade de cidadãos que compartilham direitos iguais.'²¹

O desenvolvimento da dimensão institucional legal da *polis* é intrínseco ao uso que a comunidade faz do alfabeto como recurso administrativo. Com esta nova relação com a palavra, se realizará na Época Arcaica a equanimidade perante a lei dos homens pertencentes à comunidade política e da legitimidade pública de seus governos, momento no qual

Os que compõem a cidade, por mais diferentes que sejam sua classe, sua função, aparecem de uma certa maneira 'semelhantes' uns aos outros. Está semelhança cria a unidade da polis, porque, para os gregos, só os semelhantes podem encontrar-se mutuamente unidos pela *Philia*, associados numa mesma comunidade. O vínculo do homem com o homem vai tomar assim, no esquema da cidade, a forma de uma relação

¹⁹COLDSTREAM, op. cit., p. 414.

²⁰AUSTIN, Michel; VIDAL-NAQUET, Pierre. Economia e sociedade na Grécia antiga. Lisboa: Edições 70, 1986, p. 61-62.

²¹CARRIÈRE apud MANTOVANELI, Luiz O. Mitologar é também filosofar. In: HESÍODO, 2011, op. cit., p. 142, itálico do autor.

recíproca, reversível, substituindo as relações hierárquicas de submissão e de domínio. Todos os que participam do Estado vão definir-se como *Hómoioi*, semelhantes, depois, de maneira mais abstrata, como *Isoi*, iguais.²²

Esta é a ideia do uso da escrita como publicidade em vistas do fortalecimento do poder de seus dirigentes. A noção de publicidade política está ligada à noção de domínio público, uma vez que, como no caso apresentado de Dreros, as leis são dispostas em espaço público para a visualização pública e, portanto, são submetidas ao domínio comum (físico e moral) de toda a comunidade.

O emprego da escrita dessa maneira aparta-se da aplicação que ela tinha entre os micênicos. Enquanto o Linear B está indissociavelmente ligado às estruturas econômico-sociais de estocagem agrícola centrada no palácio da cidadela, o alfabeto grego no século VI a.C. presta-se como instrumento de publicidade²³. Preeminência da palavra sobre qualquer autoridade política e instrumento de poder é fato do sistema de *polis*²⁴:

Importava fixar e codificar as leis constitucionais, civis, sacras e criminais para que a comunidade emergisse do seu estado embrionário, em que um número diminuto de famílias controlava todos os recursos e sanções ('juizes devoradores de subornos', como Hesíodo lhes chamava). Não havia também precedentes a que recorrer, deixando espaço à livre invenção à medida que os homens tentavam elaborar maneiras de um estado poder ser administrado, o poder distribuído, as leis introduzidas e cumpridas.²⁵

A elaboração posterior das leis escritas e procedimentos legais, a submissão destes ao domínio público e a consolidação de um estágio de direito saído de um de pré-direito, são todos aspectos de uma reflexão sobre a justiça que os gregos efetuaram e que restringirá os excessos do monopólio aristocrático de mecanismos de arbitragem. Hesíodo é um limiar importante deste processo.

Justiça

O clamor de Hesíodo contra os desmandos injustos, lançado contra os reis que fazem arbitragem nos centros urbanos é a erupção mais antiga de que se tem registro de uma agitação que trilhará as etapas da consolidação jurisdicional dos gregos nos séculos seguintes no processo de restrição do poder dos aristocratas, em muitas regiões levado a cabo pelo tirano.

²²VERNANT, Jean-Pierre. As origens do pensamento grego. Rio de Janeiro: Difel, 2002, p. 65.

²³ DETIENNE, op. cit., passim.

²⁴ Ibid., p. 53-54.

²⁵ FINLEY, Moses I. Os gregos antigos. Lisboa: Edições 70, 2002, p. 37.

Assumindo as vestes de uma deusa poderosa, a Justiça se coloca como divindade poderosa que deve ser respeitada e temida pelos homens. *Os trabalhos e os dias* é um poema que deve ser pensado sob o peso central desta divindade:

E há uma virgem, Justiça, por Zeus engendrada,
gloriosa e augusta entre os deuses que o olimpo têm
e quando alguém a ofende, sinuosamente a injuriando,
de imediato ela junto ao Pai Zeus Cronida se assenta
e denuncia a mente dos homens injustos até que expie v. 260
o povo o desatino dos reis que maquinam maldades e
diversamente desviam-se, formulando tortas sentenças!²⁶

Contudo, essa queixa privada deve ser delimitada para que não se atribua ao pensamento do autor projetos e ambições além das possibilidades de seu próprio tempo. Como o historiador americano Chester G. Starr reconhece ²⁷, o mundo dele é dominado pelos *basileis* e ainda não há um pensamento consistente de que a comunidade deve ser baseada em uma encarnação pública do princípio de justiça. “Hesíodo não tem soluções prontas para a injustiça que ele vê e que de fato sente. Ele pode predizer, contudo, que Zeus, quem testemunha todas as coisas, irá punir exatamente os atos malignos.” ²⁸.

Hesíodo narra condições fundamentais da existência humana em *Os trabalhos e os dias*, os valores humanos submetidos ao balanço do universo já desenhado na *Teogonia*. Na *Teogonia*, nos é apresentada a estrutura religiosa do universo, a gênese dos deuses e suas devidas porções de influência e relações no equilíbrio perfeito da ordenação do mundo sujeito à moral da soberania de Zeus, aquele por quem se realiza o próprio mundo humano. Seu código de moralidade não é o da reputação heroica homérica, ele se insere em uma arquitetura religiosa sólida, assim como o poder inigualável do Cronida:

Reputação não mais depende de homens e no que eles têm o esmero de dizer. É agora ‘através de Zeus’ e ‘na direção de Zeus’ que homens são celebrados ou relegados, e é o deus, e não o homem, que nós devemos pensar como outorgador de uma reputação ilibada ou sórdida.²⁹

Pensar a ética social através da manipulação de mitos é um plano de elaboração conceitual, uma maneira de vocabulário político em que os conceitos são personificados e em cujo estágio se prepara o terreno para um pensamento

²⁶HESÍODO, 1996, op. cit., p. 39-41.

²⁷STARR, Chester G. The origins of Greek civilization: 1100-650 B.C. New York: W.W. Norton, 1991, p. 336-337.

²⁸THOMAS; CONANT., op. cit., p.155, tradução nossa.

²⁹WALCOT, Peter. Hesiod and the Near East. Cardiff: University of Wales Press, 1966, p. 84, tradução nossa.

puramente conceitual: "Ideias derivadas de instituições concretas tornam-se abstratas ao adquirir o status de divindade; as conexões entre essas abstrações são expressas em termos de relações familiares." ³⁰.

Vocabulário político porque lembra o projeto dinâmico que é a *polis*, a intervenção da idealidade política através do simbolismo de imagens do pensamento religioso, daqueles homens que delineiam no pensamento a comunidade política.

Os interventores da cidade são os homens, os mortais. São eles que traçam o domínio da política, que pensam e arrumam o espaço da ação pública, afirmando gradativamente sua autonomia com instituições, com práticas lógicas, graças a todo um trabalho de conceitualização e ao mesmo tempo de abstração.³¹

Oswyn Murray perspicazmente confere a Hesíodo a responsabilidade de um léxico político, que, mesmo em sua etapa inicial se imiscuindo com a consciência mítica, anuncia a presença da *polis* em sua característica mais essencial, a de um pensamento principiando sua própria abstração:

Os exemplos aleatórios em Homero (mais relacionados com estados físicos como Medo e Morte e Sono) tornaram-se em Hesíodo um complexo e significativo sistema. Individuais *dikai* (sentenças) são partes da deusa *Dike*, que é ferida quando pervertida; ela é a filha de Zeus.³²

No caso, um pensamento político que usa as imagens míticas para conferir a si mesmo seus propósitos, que são propriamente ligados a uma injustiça privada, o conflito de Hesíodo com Perses mediado pelos *basileis* corruptos da cidade.

Um dos fatores decisivos para que assim se comportasse nosso autor claramente se deve à alfabetização exposta na seção anterior. Suas consequências vão além de técnica de preservação material e de novas formas narrativas; dizem muito de uma nova forma de pensamento que se afigura em Hesíodo em tensões entre o mundo oral e o do domínio da nova técnica. Mesmo muito próximo do mundo da cultura oral, ele prepara "[...] um tipo de composição que, por sua organização, vale-se do olho tanto quanto do ouvido. Ele está a olhar para seu papiro no que dispõe os versos pertinentes à matéria tratada, e é capaz de reelaborar este material de novas formas." ³³.

Hesíodo vale-se de um recurso que sistematiza seu discurso em intenções claras que poderíamos chamar de protofilosofia, que só pode se realizar com este novo

³⁰MURRAY, Oswyn. *Early Greece*. 2. ed. London: Fontana Press, 1993, p. 61, tradução nossa.

³¹DETIENNE, Marcel.; SISSA, Giulia. *Os deuses gregos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 237.

³²MURRAY, op. cit., loc. cit.

³³HAVELOCK, op. cit., p. 239.

instrumento disponível a partir da segunda metade do século VIII a.C, pois “A organização do discurso escrito é paralela a uma análise mais cerrada, um ordenamento mais estrito da matéria conceitual.”³⁴:

Depois do estágio primitivo da genuína criação do mito, existe uma período transicional, no qual as velhas imagens e símbolos são retidos, mas com a nascente consciência que eles vão além do significado propriamente. Em Hesíodo eles estão no caminho de se tornar metáfora e alegoria...Ferécides é um bom exemplo da fase de transição...Finalmente pode chegar um tempo que o pensamento racional conscientemente afirma-se, e os intelectuais precursores da raça despertam do sonho da mitologia...Isto aconteceu na Jônia do século sexto, e o que o mundo ocidental chama filosofia ou ciência nasceu.³⁵

Apenas gradualmente *logos* – o discurso a partir de entidades abstratas do filósofo – substituirá *mythos* – a narrativa das potências divinas cantadas pelo poeta. Desmitificar o conteúdo que o poeta transmite de uma verdade transfigurada é um processo de séculos em que as formas de expressão são emocional e intelectualmente envolvidas por esta persistência referencial da tradição cultural mítica de, quiçá, milênios.

Tales, Anaximandro e Anaxímenes da Mileto jônica do século VI a.C. são físicos que arranjam o universo em um novo padrão inteligível sujeito à natureza (*physis*), não mais aos caprichos divinos. Embora não se deva contar com um desvinculamento completo entre a construção mítica de milênios e a maneira racional e científica de entender o mundo. Longe de uma teoria científica consolidada logo após Hesíodo, a filosofia jônica está imersa na elaboração conceitual religiosa do mundo que permeia o pensamento grego antigo, porque de fato ela “Transpõe, sob uma forma laica e num vocabulário mais abstrato, a concepção do mundo elaborada pela religião.”³⁶.

Os grandes trágicos do século V a.C. são ressemantizadores dessa vasta massa de motivos, imagens, do arcabouço, do patrimônio espiritual da vivência religiosa grega, legando uma nova dimensão destes materiais, a própria dinâmica da estrutura do pensamento mítico que se reformula no próprio processo de sua superação.

Hesíodo situa-se em um estágio intermediário dessa transição intelectual. Indubitavelmente, ele trabalha com um vasto material e seleciona-os porque não se satisfaz em apenas registrar mitos, mas os dispõe segundo propósitos ligados aos

³⁴VERNANT. Mito e sociedade na Grécia antiga. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010, p. 201.

³⁵CONFORD, 1950, p. 42 apud KIRK, Geoffrey S. Myth: its meaning and functions in ancient and other cultures. Cambridge University Press, Cambridge, 1973.

³⁶VERNANT, 2002, op. cit., p. 111.

incitamentos morais muito bem definidos. “Ele sistematiza-os e, ao fazê-lo, introduz já um princípio racional nestas criações do pensamento mítico.”.

Embora possamos atribuir a ele uma inovação importante no rigor lógico sem precedentes na poesia épica no uso do mito e sua qualidade de organizador da tradição, uma ressalva deve ser feita. Sua obra é o exemplo que porventura sobreviveu aos tempos.

Mas isso não quer dizer que ele é inteiramente fenômeno novo, que o uso misto de mitos não remonta a um longo caminho no passado, ou que, mesmo no que hipoteticamente alguém pode chamar de um verdadeiro estágio mitopoético, nenhuma conexão estava implícita e percebida entre o conteúdo dos mitos e o conteúdo da vida.³⁷.

Auferir do silêncio e obscuridade das lacunas um gênio absoluto em Hesíodo é um passo arriscado, embora a inovação da sua linguagem conceitual presente em suas poesias que porventura o tempo preservou ressaltem aos olhos pelo ineditismo. Certamente sua posição de marco cronológico de único poeta de que temos notícia a cobrir o lapso temporal desde Homero contribui sobremaneira para que isto ocorra.

CONCLUSÃO

O lamento de Hesíodo se desdobrará do apelo por justiça intentado contra o irmão e os *basileis* à comoção política nos séculos seguintes que produziu a organizada cidade-estado, com a submissão igualitária dos homens gregos aos órgãos formais públicos de justiça.

Numa época que antecede à codificação das leis na Grécia antiga, Hesíodo pensa a matéria da ética social através da manipulação de seus relatos míticos, em cujos valores simbólicos principiam sua própria abstração. A invenção do alfabeto grego e suas implicações psicológicas fazem de Hesíodo um intermediário de recepção das tradições do repertório oral e formulador destes materiais segundo novos princípios conceituais, marca de um novo tempo de disposições mentais e institucionais dos quais ele é um dos limiares.

³⁷ KIRK, op. cit., p. 247, tradução nossa.